

pesquisado

F. G.

# Serpa: volto convicto de que o tachismo não é o caminho para a arte atual

— Volto da Europa com a convicção mais firme de que o tachismo e o informal não são o caminho a seguir — disse-nos Ivã Serpa, em seu primeiro pronunciamento à imprensa depois de regressar ao Rio da viagem que empreendeu por vários países europeus, no gozo do prêmio de viagem do VI Salão Moderno.

O período de permanência no estrangeiro, pago pelos prêmios de viagem do Salão Moderno, é de dois anos contínuos, mas Serpa, por motivo de doença, cumpriu êsse período em duas etapas. Na primeira etapa visitou apenas a Espanha (Cádiz, Sevilha, Córdoba, Madri e Barcelona); na segunda, além da Espanha, viajou pela França, Bélgica, Suíça, Holanda, Alemanha, Áustria e Itália.

— Meu ponto-de-vista com relação à pintura não mudou — reafirma Serpa. Essa viagem me deu experiência e aprofundou minha visão de alguns problemas importantes. Agora, de volta a casa, recomeço a trabalhar.

## COM OS ESPANHÓIS

Conta-nos Serpa que, na Espanha, entrou em contato com vários artistas de tendência tachista e informal, alguns dos quais expõem atualmente no Museu de Arte Moderna do Rio. Deu-se com Feito, Cuixart, Millares e Lago, entre outros.

— Feito é um artista inteligente e tranqüilo. Discutimos muito, porque nossos pontos-de-vista diferiam. Foram todos muito gentis comi-



Ivã Serpa

cas não prejudicavam esta camaradagem que nasceu entre nós.

Em Irun, perto da fronteira com a França, Serpa foi encontrar-se com Oteiza, o escultor espanhol que ganhou o grande prêmio de escultura da IV Bienal de São Paulo, em 1957. Oteiza mostrou-se grato ao Brasil e interessado em voltar a nosso País. Em Barcelona, aonde foi desta vez em companhia do poeta João Cabral de Melo Neto, Serpa conheceu Enric Tormo, grande artista gráfico, um dos realizadores do famoso álbum da obra de Joan Miró. Tormo interessou-se em editar uma série de desenhos de Serpa: 36 desenhos em preto e branco, azul e branco e vermelho e branco, que serão impressos em páginas contínuas. Dentro de um mês, o primeiro exemplar do livro deve chegar ao Rio. A edição será reduzida, de 150 exemplares.

## “DOCUMENTA” E MATISSE

— As duas exposições que mais me impressionaram, durante todo êsse tempo que

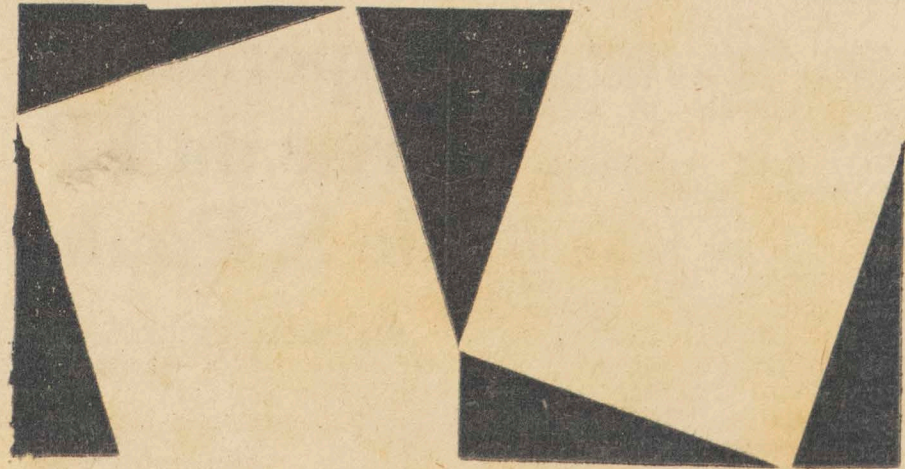
passei na Europa, foi a segunda mostra **Documenta**, organizada no Museu Fridericianum, de Cassel, na Alemanha, cujo objetivo era dar uma visão evolutiva da arte contemporânea, e uma exposição dos últimos trabalhos de Henri Matisse: as colagens. **Documenta** é uma vasta exposição, que ocupava três prédios: um com gravuras, outro com escultura e o terceiro com pintura. Vi ali um conjunto de obras de Kandinsky (várias fases) e outro — uma pequena sala — de Mondrian. Impressionou-me também um belo quadro de Malevitch, em vermelho e branco. Tinha visto vários quadros desse pintor no Museu de Amsterdã, quando me entusiasmara com a atualidade de sua arte. Observei também o interesse do público pelas obras de Mondrian, na **Documenta**, cuja sala estava sempre cheia de gente. Os cartões em cores, com reproduções de obras de Malevitch e Mondrian já se tinham esgotado, tal o interesse do público.

As colagens de Matisse — continua Ivã — são impressionantes. Causa entusiasmo ver-se um artista velho e doente ultrapassar-se a si mesmo no fim da vida. Acredito que essas colagens de grande tamanho — uma delas tem 6 metros por 2 e meio — são as melhores obras de Matisse. Velhinho danado aquê!

## PARIS: DECEPÇÃO

— Paris, do ponto-de-vista da arte atual, foi para mim uma decepção. As galerias estão abarrotadas de quadros tachistas, quase sempre da pior qualidade. Aliás, o tachismo francês é quase sempre débil, sem expressão. Pertinho do americano — de um Pollock por exemplo — e mesmo dos alemães, o tachismo francês é insignificante. Também o Museu de Arte Moderna de Paris causou-me má impressão, depois de ter eu visto os museus da Suíça e da Holanda. Em Paris estive com Pevsner, o grande escultor construtivista, que me recebeu, a mim e ao Franz Weissmann, com a maior simpatia. Mostrou-me suas obras recentes, que são poucas, pois êle está velho e cansado. Em Zurique encontrei-me com Max Bill, que trabalha febrilmente na pintura, interessado sobretudo no problema da cor. Vi mais de cinquenta quadros, todos com um mesmo problema formal, em que se ocupa atualmente.

Serpa falou-nos também de um grupo de artistas franceses novíssimos, intitulado Grupo-57, que faz arte geométrica, e que representa a primeira tomada de posição da arte jovem espanhola contra o tachismo e o informal. Êsses artistas expuseram há pouco em Paris, na Galeria Denise René.



Desenho de Serpa do livro que será editado por Enric Tormo